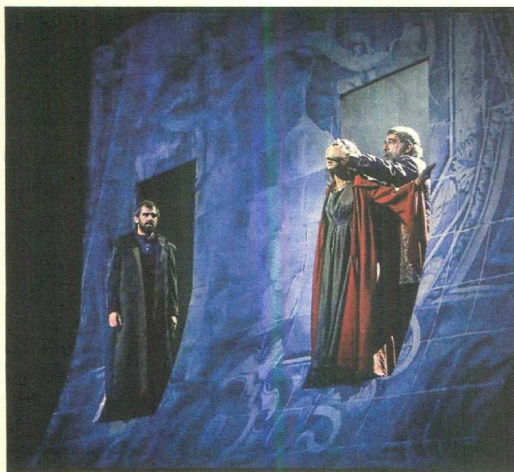


Reinar depois de viver

É com uma cenografia deslumbrante, de José Manuel Castanheira, que nos deparamos ao sentarmos-nos na plateia do Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada. Ficamos encantados, naturalmente, pela beleza do artefacto em si, pela sua originalidade, mas também pelo interesse em saber como se comporta quando habitada pelos atores. E, de facto, uma vez iniciado o espectáculo, compreendemos que dialoga em absoluto com a encenação, induz movimentos pendulares de instabilidade/estabilidade, promove o jogo e o prazer na representação dos atores, a comprovar a importância essencial da cenografia como elemento fundamental na criação de soluções na cena. Já que todos os sinais estão presentes desde o início, manifestam-se orgânicos no sistema de comunicação entre os atores e destes com o público.

Falamos de *Reinar depois de morrer* (c. 1640), de Luis Vélez de Guevara (1579-1644), contemporâneo de Lope de Vega e de Calderón de La Barca, considerada, pela professora e hispanista, Maria Fernanda Abreu, no prefácio à edição portuguesa, “a mais importante tragédia desse magno período da dramaturgia ibérica”, o século de ouro espanhol. É uma estreia absoluta em Portugal, em bellissima tradução do poeta Nuno Júdice, publicada pela Companhia de Teatro de Almada, na sua coleção de Teatro, com direcção editorial de Rodrigo Francisco.

O mito dos infaustos amores de Dom Pedro I de Portugal com Inês de Castro, – o tema da razão de Estado que levou D. Afonso IV a ordenar o assassinio da infanta galega, em 7 de janeiro de 1355, a cruel vingança de D. Pedro sobre os matadores Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves, segundo a lenda, a quem mandou torturar e arrancar os corações, e a coroação póstuma de Inês – foi glosado por muitos autores, desde a poesia e do teatro à música, do cinema às artes plásticas. O *Cancioneiro Geral* (1516) de Garcia de Resende, o Canto III d’*Os Lusíadas*, de 1572, a primeira tragédia clássica em língua portuguesa, *A Castro*, de António Ferreira, de 1587, mas também, já no século XX, *Pedro, o Cru* (1918), de António Patrício, são exemplos literários e teatrais, em Portugal, de um motivo que se derramou pela



Reinar depois de Morrer. Peça de Luis Vélez de Guevara, com encenação de Ignacio García

imaginação de muitos criadores em todo o mundo.

Nesta tragédia, segundo Nuno Júdice, o autor “desenvolve, num estilo já anunciador do Barroco, uma complexidade de sentimentos e de conflitos (...) que elevam a peça a um grau elevado de construção literária”, o que reveste de coragem a escolha para a sua encenação. Porém, temos a felicidade de assistir à versão de José Gabriel Antuñano, teatrólogo, professor, dramaturgista, crítico que, com grande sabedoria e conhecimento, realizou uma partitura excepcional, uma montagem pró-cinematográfica a tornar possível que atores e público do século XXI se impressionem e partilhem emoções universais, como o exacerbatamento das paixões e a reflexão política sobre o conflito entre a liberdade individual e o poder do estado, que esta tragédia tão poeticamente transmite.

O seu trabalho fica notabilizado na rica, inventiva e dinâmica encenação do jovem Ignacio García (1977), – que também compõe a música –, especialista em direcção de repertório espanhol que, em diálogo com a cenografia, realça a “metáfora aquática na história de Inês de Castro e a sua fonte das lágrimas”, ou o fragmento de um leito de um rio através do qual a “corrente do destino arrasta as

personagens para a morte”. Mas também o sonho de premonição de morte, presente no texto e no tratamento azulejar do cenário, a que a encenação aduz camadas de significação poética e que, a par dos inspirados e belos figurinos, vestiu os atores de graça e de rigor, a oferecer-nos este tesouro barroco em perfeita harmonia com o horizonte de expectativa do público.

Por último, mas com certeza, os primeiros, os atores surgem numa distribuição exemplar e bem dirigidos, com conhecimento da forma de elocução de teatro barroco em verso, sem cesuras, respirando nos tempos certos, com manifesto à-vontade com a linguagem e com o movimento, evidenciando os matices das personagens. Realce, naturalmente, para Margarida Vila-Nova, que desenha com elegância e justeza a figura da bela Inês, a um tempo lírica e bucólica, bem apoiada no gesto que imprime aos seus manto e vestido, apresentando uma teatralidade luminosa, pelas imagens que compõe, transfigurada pelo amor que traz força à vulnerabilidade de seu estado. A seu lado, José Neves é um intenso e decisivo Príncipe Pedro, a entrar no jogo totalmente comprometido, dando a conhecer a evolução da sua personagem. Ana Cris imprime um carácter dramático à Infanta Blanca

de Castela, com o rigor que lhe conhecemos; João Lagarto, em Rei, compreendeu a cambiante de conto de fadas que a lenda adquiriu, assim como Maria Frade, em Ama, a acentuar o carácter de parca do destino a desenrolar-se, e Leonor Alecrim, em Violante, a assinalar a fugacidade onírica através do canto em voz límpida e transparente.

Uma palavra de apreço para a iluminação que soube ampliar a simbologia e os cromatismos presentes na cenografia e nos figurinos, clarificando a sua polissemia. Oportunidade única de assistir a um sofisticado e feliz espectáculo sobre um dos mais belos mitos do nosso imaginário que a Companhia de Teatro de Almada nos propõe. **JL**

▶ REINAR DEPOIS DE MORRER

de Luis Vélez de Guevara, Dramaturgia José Gabriel Antuñano, Tradução Nuno Júdice, Encenação Ignacio García, Cenografia José Manuel Castanheira, Figurinos Ana Paula Rocha, Desenho de Luz Guilherme Frazão, com José Neves, Margarida Vila-Nova, João Lagarto, Ana Cris, David Pereira Bastos, Pedro Walter, Leonor Alecrim, Maria Frade, Diogo Moura e Caçalo Saraiva. Produção – Companhia de Teatro de Almada em coprodução com a Companhia Nacional de Teatro Clásico.

Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada – de quinta-feira a sábado, às 21h; quarta-feira e domingo, às 16h. Até 17 de novembro. Teatro Nacional São João, Porto – de 5 a 7 de dezembro